

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB  
FACULDADE DE CEILANDIA-FCE**

**NATHALIA SOUZA VIANA**

**ESCOLHAS OCUPACIONAIS RELACIONADAS AO ESTUDO DE EMPREGAS  
DOMÉSTICAS QUE MORAM NO LOCAL DE TRABALHO**

**BRASÍLIA**

**2016**

Nathalia Souza Viana

**ESCOLHAS OCUPACIONAIS RELACIONADAS AO ESTUDO  
DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS QUE MORAM NO LOCAL  
DE TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

---

MS. VAGNER DOS SANTOS

Orientador  
Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

---

TO. HELLEN DELCHOVA

Secretaria de Saúde-GDF

Aprovado em:

Brasília,.....de.....de.....

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus pelo seu amor infinito e por ter me dado perseverança, paciência e saúde para superar as dificuldades. Ao meu orientador, Vagner dos Santos, pela confiança e apoio que, com muita paciência e atenção, dedicou do seu valioso tempo para me orientar nesse trabalho.

Aos meus pais e avó, pelo amor e apoio incondicional durante toda a minha jornada acadêmica. Ao meu namorado, Daniel Victor, por todo amor, carinho e incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço.

Meus agradecimentos aos companheiros de trabalho, que me auxiliaram em várias etapas da pesquisa e a todas participantes que se dispuseram a colaborar com o trabalho.

**Resumo:**

**Introdução:** Nas últimas décadas a Terapia Ocupacional tem reconhecido fatores de contextos sociais como elementos de grande influência e determinação das ocupações humanas com foco em aspectos de imposições do capitalismo, em vivências de exclusão e inclusão no cotidiano, como questões de gênero, escolarização, mercado de trabalho e contextos sociais. **Objetivo:** Este trabalho busca analisar e descrever como fatores sociais e econômicos podem implicar nas escolhas ocupacionais de educação e trabalho de empregadas domésticas do Distrito Federal. **Metodologia:** Foram entrevistadas 5 empregadas domésticas que residem no local de trabalho. A busca ocorreu em áreas do Plano Piloto, especificamente nas regiões da Asa Sul e Asa Norte, essas áreas foram escolhidas por serem áreas de alto poder de consumo no Distrito Federal. Para analisar os dados obtidos foi utilizado o método de análise de Condensação Sistemática de Texto (STC). **Resultados:** Todas as participantes do estudo eram da região nordeste, tinham mais de três décadas de experiência profissional e enfrentaram desafios nas escolhas ocupacionais relacionadas a educação. Entre os fatores que influenciaram nas escolhas ocupacionais de forma a limitar o desenvolvimento destas atividades, destaca-se pouco/nenhum apoio/incentivo familiar; ausência/difícil acesso a escolas; jornada prolongada de trabalho. Quanto aos fatores que influenciam de maneira positiva as escolhas ocupacionais relacionadas a educação, destaca-se o significado que remete a melhor preparado para a vida/trabalho; e uma possível transição para outros postos no mercado de trabalho. **Conclusão:** A partir dos relatos nas entrevistas coletadas percebe-se que a injustiça ocupacional é evidente no contexto social das participantes, contexto esse onde observa-se que situações de pobreza prevalecem, questões de vulnerabilidade que ocasionaram transições ocupacionais ainda na infância. Esses fatores podem ter influência nas atuais circunstâncias dessas mulheres, pertencentes a uma mesma ocupação, empregadas domésticas que residem no local de trabalho.

Descritores: Terapia Ocupacional, Vulnerabilidade Social, Ocupação, Trabalho, Educação

**Abstract:**

**Introduction:** In recent decades, Occupational Therapy has recognized factors of social contexts as influential elements and determination of human occupations focusing on aspects of capitalism impositions in exclusion experiences and inclusion in daily life, such as gender, education, market work and social contexts. **Objective:** This study aims to analyze and describe how social and economic factors could cause the occupational choices of education and working maids of the Federal District. **Methods:** We interviewed five maids who reside in the workplace. The search occurred in areas of the Pilot Plan, specifically in the regions of the South Wing and Wing North these areas were chosen because they handle are areas with high power consumption in the Federal District. To analyze the data we used the method of analysis Condensation Text Systematics (STC). **Results:** All study participants were from the northeast region had more than three decades of professional experience and challenges faced in occupational choices related to education. Among the factors that influenced the occupational choices in order to limit the development of these activities, it stands out little / no support / family incentive; absence / difficult access to schools; extended working hours. As for the factors that influence positively the occupational choices related to education, there is the meaning which refers to better prepared for life / work; and a possible transition to other jobs in the labor market. **Conclusion:** From the reports on the collected interviews it is clear that occupational injustice is evident in the social context of participants context that where it is observed that poverty prevail, vulnerability issues that caused occupational transitions in childhood, these factors may to influence the current circumstances of these women, belonging to the same occupation, maids living in the workplace.

Key words: Occupational Therapy, Social Vulnerability, Occupation, Job, Education

## SUMÁRIO

1	Introdução .....	12
2.	Metodologia .....	14
1.1	Local e coleta de dados.....	14
1.2	Análise de dados.....	15
2	Resultados .....	15
3	Discussão .....	20
4	Conclusão.....	22
5	Referências:.....	23
6	ANEXO I.....	24

## 1 Introdução

A Terapia Ocupacional se desenvolveu majoritariamente no campo da Saúde. No âmbito internacional publicações com Willard and Sparckmam trazem um histórico da profissão. No Brasil o SUS é considerado um dos grandes empregadores para os profissionais da Saúde, neste sentido há uma reduzida produção teórica sobre aspectos em outros campos, e inclusive sobre a complexidade da escola.

No entanto, nas últimas décadas a Terapia Ocupacional tem reconhecido fatores de contextos sociais como elementos de grande influência e determinação das ocupações humanas com foco em aspectos de imposições do capitalismo, em vivências de exclusão e inclusão nas atividades do cotidiano influenciada por questões de gênero, escolarização, mercado de trabalho e contextos sociais.

O documento da *American Occupational Therapy Association*, Estrutura: Domínios e processos (AOTA, 2015) apresenta o conceito de justiça ocupacional para a atenção de um público maior. Este conceito considerada as condições para os indivíduos participarem individualmente e coletivamente em ocupações que julgam ser significativas, não podendo estes serem limitados ou discriminados por idade, gênero e outros.

Vivendo de forma diferente em diferentes contextos sociais, culturais e políticos, os seres humanos experimentam diversas influências em sua educação, trabalho, casa e outras ocupações, assim como no desenvolvimento de suas diversas possibilidades em participar, independentemente de idade, sexo, sexualidade, raça etc. (KANTARTZIS; MOLINEUX, 2011 apud TOWNSEND, 2013, p. 4).

A AOTA (2015) também coloca a responsabilidade ao profissional da Terapia Ocupacional em promover a justiça ocupacional ao citar o termo advocacia como sendo um aspecto importante da prática. Da mesma forma, trabalhos nacionais apontam para a mesma direção, sendo que as análises histórico-críticas contribuem para possíveis intervenções da Terapia Ocupacional na atualidade. Segundo BEZERRA, W. C (2013, p. 3), “[...] permitir, ao terapeuta ocupacional, um posicionamento crítico ante elas, tendo consciência dos limites sociais objetivos postos à sua intervenção; além de orientar a formação profissional, no sentido de acompanhar as transformações sociais, de caráter micro e macrossocial.”

Neste sentido, para melhor reflexão sobre os processos históricos e experiências vividas nos diferentes contextos, torna-se necessária a exploração da história do Brasil, onde observa-se elementos enraizados de discriminação racial e de gênero, podemos citar como

exemplos as situações de desigualdade vivenciadas por mulheres diante de direitos fundamentais como estudar, trabalhar, votar, as constituições de 1824 e da República 1891 excluía-nas de qualquer forma de participação na política, educação e trabalho, ocupações estas consideradas importantes no cotidiano e podemos facilmente observar ainda hoje resquícios dessa desigualdade como a diferença de salários entre homens e mulheres que desempenham a mesma função.

Ao pensarmos na discriminação racial e de gênero as mulheres negras são sistematicamente vítimas desse processo, segundo pesquisa realizada em 2009 pelo o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), as mulheres negras estão entre as piores situações de trabalho e ascensão social

[...] trabalho doméstico (21,4%) e na posição de produção para próprio consumo e trabalho não remunerado (15,4%); e, por outro, as menores proporções de trabalho com carteira assinada (23,3%) e de empregador (1,2%), ocupando, assim, como confirmam os dados de renda, a pior posição na escala social. (PINHEIRO, FOUTORA, 2009, p. 13).

A pesquisa da UNIFEM e Ipea em 2009 também traz um bloco com a temática que aborda a proporção de trabalhadoras domésticas com carteira assinada segundo raça/cor, evidenciando que as mulheres negras estão entre as maiores porcentagens de trabalho doméstico e também jovens trabalhadoras domésticas com idade entre 10 e 17 anos, ou seja, idade escolar obrigatória.

Pensando no contexto de vida, ocupações e atividades desempenhadas pelas empregadas domésticas, consideramos que essa ocupação que é trabalhar de empregada doméstica, pode significar para elas conseguir através do seu fazer suprir necessidades em relação a trabalho, educação e família, realizar objetivos como ascensão social e outros aspectos que suas vidas demandem. Assim o projeto tem como enfoque principal analisar e descrever como fatores sociais e econômicos podem implicar nas escolhas ocupacionais da educação e trabalho de empregadas domésticas do Distrito Federal.



## 2. Metodologia

### 1.1 Local e coleta de dados

A busca por participantes ocorreu durante o primeiro semestre de 2016 ocorreram aproximadamente 5 saídas de campo com duração média de quatro horas cada. A busca ocorreu em áreas do Plano Piloto, especificamente nas regiões da Asa Sul e Asa Norte, essas áreas foram escolhidas por serem áreas de alto poder de consumo no Distrito Federal.

Nesses locais, em sua maioria prédios residências, foram abordados aproximadamente trinta porteiros questionados sobre a existência de empregadas domésticas que dormiam no local de trabalho, quando havia essa existência o porteiro chamava a participante na portaria do prédio e elas eram convidadas a participar do projeto de pesquisa. Ainda, eram informadas sobre os objetivos da pesquisa e, quando aceitavam, era entregue o termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para sua assinatura. Nas buscas foram encontradas sete empregadas domésticas. Duas não aceitaram participar do estudo e 5 consentiram com os termos da pesquisa terem seus dados coletados. O perfil das participantes está descrito na tabela 2 no item resultados. As cinco participantes foram entrevistadas de acordo com as questões descritas na tabela 1.

As entrevistas foram gravadas com duração média de 15 minutos de duração. Todas entrevistadas receberam o termo de autorização para utilização de imagem e som de voz, em duas vias, sendo uma para o pesquisador e outra para a participante. O projeto de pesquisa faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UnB orientado pelo professor responsável pelo mesmo, Vagner Santos. O projeto foi submetido e aceito pelo comitê de ética da UnB.

#### **Tabela 1- Roteiro de entrevistas**

---

##### **Principais perguntas**

---

Fatores que influenciaram nas escolhas de escola

Situações que levaram ao abandono escolar

O que gostava no ambiente escolar

Expectativas em relação a escola

O que significa estudar, quais são os fatores que dão maior significado ao processo de ensino e aprendizagem

Aprendizados da vida profissional, onde e quem ensinou as atribuições da sua vida profissional.

---

## 1.2 Análise de dados

Para analisar os dados obtidos foi utilizado o método de análise de Condensação Sistemática de Texto (STC). Esta é uma estratégia para análise qualitativa de dados desenvolvida por Kirsti Malterud, pesquisadora do departamento de saúde pública e de Atenção Primária à saúde da Universidade de Bergen na Noruega. Esta estratégia é baseada no método fenomenológico descritivo em psicologia de Amadeo Giorgio, nela os dados são analisados de forma apenas descritiva assim não há dedução de fatos, eles são descritos como são vivenciados. Desta forma, as cinco entrevistas foram transcritas na íntegra sem preconceções, com foco nas falas e a partir delas foram levantados temas como educação, trabalho, gênero e vulnerabilidades sociais. Para esgotar a possibilidade de haver mais temas ou temas errados outro pesquisador leu o material e também fez uma lista de temas. Foi debatido entre os pesquisadores como esses temas se relacionam com a pergunta da pesquisa e como cada um compreendeu esses temas.

## 2 Resultados

Na fase de coleta de dados, como mencionado anteriormente, aproximadamente 30 porteiros foram abordados para sabermos se no prédio havia empregadas domésticas que dormiam no local de trabalho, muitos porteiros relataram não haver empregadas domésticas que dormiam no serviço, afirmavam que a maioria delas teriam passado a trabalhar como diaristas, indo ao trabalho duas vezes na semana. Quando questionados sobre o motivo relataram que devido ao Projeto de Emenda Constitucional nº 72 conhecido como PEC das domésticas, que entrou em vigor em junho de 2015, muitas empregadas domésticas passaram a trabalhar no regime de diaristas.

Nos dados coletados nas entrevistas todas participantes trouxeram relatos de abandono escolar, no qual podemos observar que essa evasão não se deu através de escolha delas e sim devido a situações de contexto social, vulnerabilidades associadas a trabalho, gênero, imposição ou ascensão social e dificuldades ao acesso à educação, o abandono escolar também ocorre pelo fato dessas mulheres começarem a trabalhar na infância, com idades entre 12 e 7 anos de idade, como demonstrado na tabela 2, com o perfil ocupacional das entrevistadas.

**Tabela 2- Perfil Ocupacional**

<b>Identificação</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Idade primeiro emprego</b>	<b>Tempo de trabalho</b>
Entrevistada 1	Nordeste	60 anos	Ensino Fundamental completo	9 anos	51 anos
Entrevistada 2	Nordeste	50 anos	Ensino Médio completo	15 anos	35 anos
Entrevistada 3	Nordeste	59 anos	Ensino fundamental incompleto	12 anos	47 anos
Entrevistada 4	Nordeste	58 anos	Ensino fundamental incompleto	7 anos	51 anos
Entrevistada 5	Nordeste	40 anos	Ensino médio completo	16 anos	40 anos

Todas as entrevistadas são naturais de regiões do Nordeste, relataram que moravam em áreas de difícil acesso à escola, geralmente tinham que atravessar rios e estradas de terra e as escolas possuíam infraestrutura precária, a entrevistada 3 de 59 anos exemplifica esse fato no relato:

“Não era assim um colégio como hoje a gente vê um aqui outro ali, era uma casa aí o professor atravessava o rio salgado de canoa e dava aula pra gente sem ser pago nem nada durante anos”.  
(ENTREVISTADA 3)

Essa dificuldade de acesso as escolas não foi apontada como um fator principal para o afastamento da escola, mas como um fator que prejudicava o desempenho escolar e o estímulo para frequentar as aulas.

Observa-se que uma situação colocada como determinante para o afastamento da escola na infância é a questão dessas mulheres começarem a trabalhar com idades entre 7 e 16 anos para ajudar no sustento da família e criação dos irmãos mais novos, assumindo na infância muitas responsabilidades, como relata a entrevistada 1 de 60 anos, que começou a trabalhar aos 9 anos de idade:

“Porque com oito anos, (...), eu já cuidava (...) de três irmãos menores que eu. Eu não sou a mais velha, eu sou a terceira, mas eu já

cuidava dos meus três irmãos menores. Minha mãe saía, eu que dava... eu não tive infância, eu fui uma pessoa sempre adulta, eu com uma criança de oito anos no interior naquela época cuidava dos menores. (...) E aqueles povos que moram como agregado se tiver uma filha assim esperta, eles já querem logo que vai pra lá trabalhar, né? (ENTREVISTADA 1)

Uma das entrevistadas quando questionada sobre quando começou a trabalhar de empregada doméstica relatou:

“Gente faz tempo.... Faz muitos anos porque primeiro a gente começou a minha mãe distribuindo a gente nas casas né, então foi assim a partir dos 7, 8 anos que a gente já começou a morar nas casas dos outros”. (ENTREVISTADA 4)

A mesma participante atribuiu a falta do pai para ajudar nas despesas da família o fato da mãe ter colocado os filhos para começar a trabalhar na infância, observou-se nas entrevistas que as participantes não tinham estímulo da família para dar continuidade aos estudos, geralmente pela pouca ou nenhuma escolaridade dos pais, que por vezes são analfabetos, começaram a trabalhar na infância para ajudar no sustento da família e pela família permanecer em situação de vulnerabilidade como a extrema pobreza, também tiveram que colocar seus filhos para trabalhar na infância, outro fato descrito pelas participantes que contribui para essa falta de apoio voltado para os estudos é o abandono da família pelo pai, assim a mãe dessas participantes tinham que arrumar formas de sustentar os filhos sozinhas como relata a participante 4, quando foi perguntado sobre o que os seus pais falavam sobre educação:

“Nada. Até porque meu pai não era um pai presente, ele sumia de casa ficava não sei quanto tempo quando aparecia ele era visita, era visita porque ele nunca estava! Por isso que a minha mãe distribuiu a gente assim, porque ela não dava conta de sustentar né porque era uma época difícil que faltava o principal comida. Então ela colocou a gente nas “casa.” (ENTREVISTADA 4)

“Eu gostava muito de estudar, muito bom estudar. Só que eu nunca tive uma pessoa pra ficar me orientando porque minha mãe é também uma pessoa rude, coitada, ai ela não aquela... Como é que se chama? Iniciativa.... Assim não dá conselho que é bom estudar, fazer...” (ENTREVISTADA 1)

Essa situação se repete na vida das entrevistadas que ao serem abandonadas pelo companheiro precisaram colocar os filhos para trabalhar e também vão atrás de emprego, com o pouco estudo que têm não encontram boas oportunidades e devido as atividades domésticas já fazerem parte do cotidiano dessas mulheres e por conhecerem amigas ou pessoas do grupo familiar que trabalham como empregadas domésticas em grandes cidades como Brasília, acabam saindo do Nordeste e vindo trabalhar como empregadas domésticas no Distrito Federal em regiões de alto poder de consumo. Uma delas relata o motivo de ter começado a trabalhar:

“Eu sei, mas acho que é porque eu tinha um filho com doze anos e a menina com três anos, porque o marido separou aí eu tive que começar a trabalhar para sustentar os filhos, para criar os filhos.”  
(ENTREVISTADA 3)

Uma das dificuldades para se manterem trabalhando e estudando é conciliar as atividades exercidas por elas enquanto empregadas domésticas, pois além do cansaço a relatos de patrões que não permitiam que elas saíssem para estudar, foi perguntado a entrevistada 2 sobre a possibilidade de estudar e trabalhar e ela faz o seguinte relato:

“Aqui não, aqui em Brasília não. Nunca tive essa mordomia não, dependendo do patrão eles não aceitam. Eu acho injusto ne.”  
(ENTREVISTADA. 2)

“É mas tinha que ir trabalhar aí eu chegava cansada aí “Ah vou estudar mais não.” (ENTREVISTADA 3)

Questões de trabalho e gênero surgiram com frequência nas cinco entrevistas, especificamente sobre gravidez e apoio dos companheiros, as participantes fizeram relatos de casos em que o companheiro na época que elas estudavam as proibiam de estudar ou não apoiavam, também engravidaram jovens e interrompiam os estudos devido a gravidez, a entrevistada 5 deu um exemplo desse fato ao relatar que não tinha apoio algum do marido para concluir os estudos, que era um sonho dela.

“Era muito puxado mas eu não podia desistir ne que eu tinha o sonho de concluir meu segundo grau, pelo menos o segundo grau tinha que terminar ne, então assim foi muito difícil eu me casei com o pai do Gustavo e não tinha terminado ainda, ele falava assim “para de estudar que ai depois você pode fazer um supletivo que vai ficar

bem mais rápido” Se eu já “to” até aqui, eu já estava no terceiro ano quando estava com o pai do Gustavo, ai eu falei não se eu já estou terminando pra que eu vou parar , ai depois vai vim filho você não vai mais deixar eu estudar, então eu falei pra ele, você já me conheceu nessa dificuldade nessas “correria” eu vou terminar. Ele falava pra eu parar, ele falava “não para porque ta muito puxado você não tem tempo pra mim”, ai eu falei mas isso ai não vem ao caso, eu trabalhava durante o dia e eu ia pro colégio a noite então meu tempo era super corrido mas graças a Deus eu não cheguei a parar, fui até o fim”. Eu fui fazer um curso de informática ai ele também falava “Ah para porque você chega muito tarde não sei o que”, eu já saia do serviço e ia pro curso.” (ENTREVISTADA 5)

A entrevistada 1, relatou a experiência de não conseguir voltar aos estudos após a gravidez:

“É porque eu sempre trabalhei em casa de família, aí eu estudava à noite, aí de repente arranjei um namorado, aí fiquei grávida, aí deu aquele desanimo assim, né? Aí parei de estudar porque estava grávida. Aí depois eu achei que fosse ter a menina ia continuar, mas aí não deu. Trabalhando o dia todo e estudar de noite ainda mais com filho pequeno, né? Ai não dava, não deu. Porque eu só vim trabalhar porque eu morava no nordeste, morava na casa de uma pessoa assim direto e ia deixar a menina com quem?”

Foi perguntado a todas entrevistadas o significado da educação e observou-se que as respostas eram sempre relacionadas a acessão social, melhores condições de trabalho e expectativa familiar. Em relação as experiências vivenciadas no ambiente escolar relacionadas a frustrações, situações de preconceito e relacionamento com amigos e professores, não houve relatos negativos, afirmaram ter um bom relacionamento com os colegas e professores e o que não viveram na escola atribuíram ao trabalho e filhos, por não terem tempo suficiente para desempenhar os papéis ocupacionais de filha, mãe, esposa, empregada doméstica e estudante. As entrevistadas 2, 3 e 5 relatam respectivamente o significado de educação para elas:

“Porque a pessoa que estuda valoriza mais a vida e pra frente tem mais alguma coisa na vida, como eu falo muito para meus netos, estuda! estuda! Porque eu só fiz até a terceira serie ai não deu mais vontade de estudar, mas hoje vocês novos de hoje estão com a faca e o queijo na mão, porque naquele tempo nós fomos criados trabalhando, hoje não trabalha mais criança nenhuma de 12, de 16, de 17 até 18 anos não trabalha mais, então tem que estudar pra ser alguém na vida, arrumar um serviço melhor”

“Eu acho que é a base de tudo, né? Porque não adianta, tipo assim, eu parei no terceiro ano e continuei no mesmo serviço, eu não evoluí. No meu ponto de vista eu não evolui. Eu sempre fui doméstica, terminei o terceiro e continuo doméstica. E eu acho que você fazendo uma faculdade, uma coisa assim você já começa a mudar seu pensamento, ajuda a mudar de profissão, entendeu? É isso.”

“Não, não se eu me frustrei assim com alguma coisa é porque eu mesma não me esforcei entendeu, mas a escola mesmo sempre me ajudava, os professores sempre foram muito dedicados, até o período que eu estudei eu tive dificuldade como eu te citei, o momento que eu reprovei eu já estava com o pai do Gustavo, eu tive que parar ao invés de estudar eu estava era me dedicando a ele achando que ali ia sair alguma coisa, mas não saiu foi nada graças a Deus que veio o Gustavo ne mas de outras coisas não veio nada só decepção ne.”

### 3 Discussão

A injustiça ocupacional é bastante evidente na vida de sujeitos em condições de vulnerabilidade social, essa injustiça ocorre quando nossas políticas, programas sociais e práticas profissionais não abarcam de forma efetiva as reais demandas desses sujeitos e também devido ao fato do sistema econômico capitalista, que tem como característica a desigualdade social, transformar os indivíduos, suas atividades e conseqüentemente suas ocupações em produto, a população de auto poder aquisitivo acaba se beneficiando desse fato.

No caso das empregadas domésticas que devido a várias situações que limitaram, desmotivaram e impediram a realização de objetivos nas ocupações de educação, que conseqüentemente influência nas condições de trabalho e outros papéis ocupacionais. Desta forma, transformaram uma atividade considerada comum ao cotidiano da mulher, como as atividades domésticas, em mão de obra.

Nos relatos das entrevistadas compreende-se que a profissão exercida não foi uma escolha profissional e sim uma consequência do contexto social que viviam, aceitaram trabalhar como empregadas domésticas por não terem outras opções com a escolaridade que tinham, precisavam ainda na infância ajudar no sustento da família, quando já jovens e com filhos o companheiro as abandonaram e/ou não apoiavam a continuidade dos estudos, quando abandonas pelo companheiro precisam trabalhar para sustentar os filhos, essas e outras situações as levaram a atual profissão que por sua vez também ocasiona impedimentos a

outras ocupações como a educação, o cansaço provocado pelas atividades exercidas, o fato de residirem no local de trabalho e não terem estímulo dos patrões para dar continuidade aos estudos, também são fatores que desestimularam essas mulheres a concluir os estudos.

A restrição ou a interrupção ao acesso ao ensino superior por pessoas em desvantagem socioeconômica ou racial vem sendo reduzida no Brasil devido às ações afirmativas como o sistema de cotas, o Prouni e o Fies. Entretanto, o desconhecimento destas ações, desses direitos, pode caracterizar-se, na concepção da terapia ocupacional, como injustiça ocupacional. (CORRÊA; ROSÁRIO, 2015, p. 2).

Segundo BORELL; HASSELKUS (2002 apud TOWNSEND, 2013, p. 230) para promover a justiça ocupacional acredita-se na mudança social, com foco na garantia de direitos e no empoderamento político, a terapia ocupacional denomina justiça ocupacional essa garantia de direitos que visa “o acesso diferenciado às oportunidades e recursos, à participação em ocupações de interesse individual ou coletivo” (TOWNSEND; MARVAL, 2013 apud CORRÊA; ROSÁRIO, 2015, p. 2).

(...) Pela ótica da terapia ocupacional, que vê a educação como uma ocupação, e mais além, que a restrição ou a interrupção desta ocupação, por ineficiência política, é considerado uma injustiça ocupacional, pois acaba por restringir a participação nesta ocupação (...) (ARTHANAT, 2012 apud CORRÊA; ROSÁRIO, 2015, p. 2).

A saúde, cidadania e participação social sofrem influências dos determinantes sociais de saúde, educação, renda ou as redes sociais de apoio MARMO (2012); RAPHAEL; CURRY-STEVENSON (2009) (apud TOWNSENDA E MARVAL, 2013, p 231), determinantes esses que são administrados por políticas que por sua vez definem questões como funcionamento, acesso, práticas realizadas, sendo assim essas medidas podem resultar na exclusão de determinados grupos sociais, “dito de outro modo, políticas institucionais e outras governanças criam, perpetuam e normalizam a exclusão de determinados grupos que não se inserem nos padrões da sociedade.” (PEREIRA; WHITEFORD, 2012 apud TOWNSENDA E MARVAL, 2013, p 231).



## 4 Conclusão

A partir dos relatos nas entrevistas coletadas percebe-se que a injustiça ocupacional é evidente no contexto social das participantes, contexto esse onde observa-se que situações de pobreza prevalecem e que questões de vulnerabilidade ocasionaram transições ocupacionais ainda na infância.

Esses fatores podem ter influência nas atuais circunstâncias dessas mulheres, pertencentes a uma mesma ocupação, empregadas domésticas que residem no local de trabalho, que desempenham junto a essa ocupação diferentes papéis ocupacionais e possuem um histórico de vida com aspectos semelhantes, com vivências de sonhos não realizados, tinham objetivos como concluir os estudos, seja em busca de ascensão social ou por desejo pessoal, ter outra profissão e proporcionar melhor qualidade de vida para a família, também vivenciaram casos de injustiça ocupacional relacionada à classe e sexo.

TOWNSENDA e MARVAL (2013) afirmam que são nesses grupos, que a uma ordem social dominante, é onde mais evidenciamos a injustiça cotidiana e diante disso ressalta a importância do profissional de saúde em minimizar os impactos no cotidiano do indivíduo com uma atuação que o empodere e uma prática ativista voltada ao contexto social e as vulnerabilidades associadas que fazem parte desse cotidiano.

Práticas de justiça ocupacional podem existir para colaborar com representantes locais e de governo para desenvolver capacidades populacionais em todas as faixas etárias, financiamento, políticas, iniciativas de desenvolvimento e educação infantil, uma identidade ocupacional positiva para as pessoas de baixa renda na educação, emprego, habitação, transporte etc. (TOWNSENDA; MARVAL, 2013, p. 235).

Além disso DUROCHER; GIBSON; RAPPOLT (2013, apud TOWNSENDA E MARVAL, 2013, p. 237), apontam que o conceito de justiça ocupacional necessita de discussões mais amplas considerando questões morais, éticas e filosóficas pertinentes a justiça ocupacional e através disso relacionamos o trabalho da terapia ocupacional com a população em situação de vulnerabilidade social, considerando que é no cotidiano do indivíduo que a profissão tem maior protagonismo, deve-se considerar nas intervenções abordagens contextuais. Esse reconhecimento nos possibilitará desenvolver uma prática que seja adequada e relevante para as demandas e realidades locais e de nível nacional.

## 5 Referências:

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, AOTA. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, Brasil, v. 26, p. 1-49, abr. 2015. ISSN 2238-6149.

BEZERRA, Waldez Cavalcante; TRINDADE, Rosa Lúcia Prêdes. A Terapia Ocupacional na sociedade capitalista e sua inserção profissional nas políticas sociais no Brasil/Occupational Therapy in capitalist society and its professional insertion in the Brazilian Social Policies. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 21, n. 2, 2013.

CORRÊA, Clemici Lima. AÇÕES AFIRMATIVAS E JUSTIÇA OCUPACIONAL: PERCEPÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL SOBRE AS ATIVIDADES DO PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES COM A TURMA DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA CELSO MALCHER. **A PRODUÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS COMO AÇÃO AFIRMATIVA NA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS BRASILEIRAS DE CRIANÇAS NEGRAS EM**, p. 11.

DE SOUSA, Eliane Ferreira. **Direito à educação: requisito para o desenvolvimento do país**. 2010.

PINHEIRO, Luana et al. Retrato das desigualdades de gênero e raça. 2009 3ª ed.

TOWNSEND, Elizabeth; MARVAL, Rebecca. Profissionais podem realmente promover justiça ocupacional?/Can professionals actually enable occupational justice?. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 21, n. 2, 2013.

## 6 ANEXO I

Normas para submissão da revista, Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar da Universidade Federal de São Carlos  
Diretrizes para Autores

### **APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS**

Os originais devem ser encaminhados aos *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* por meio eletrônico no site: **[www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br](http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br)**

### **FORMATO**

Textos em português, inglês ou espanhol, digitados em arquivo do programa Microsoft Word 2007 ou posterior, papel tamanho A4, margens de 2,5 cm, espaço 1,5, letra Times New Roman 12. Todos os parágrafos devem começar na coluna 1, sem tabulação.

Os artigos submetidos deverão atender aos critérios de estruturação para a sua apresentação e de acordo com as diretrizes apontadas a seguir. É sugerido aos autores que façam um *checklist* quanto à estrutura do artigo antes de submetê-lo ao periódico. Os artigos que não atenderem aos itens mencionados serão devolvidos aos autores para adequação anteriormente à avaliação pelos Revisores *ad hoc*. Seguem abaixo as diretrizes para elaboração da: 1) Folha de Rosto e 2) Estrutura do Texto.

#### **1. Folha de rosto**

Abrange as seguintes informações: título, autores, contato do autor responsável (endereço institucional) e fonte de financiamento.

**Título:** Conciso e informativo. Em português e inglês. Quando o texto for apresentado em espanhol, o título deve ser apresentado nos três idiomas (espanhol, português e inglês).

Informar, em nota de rodapé, se o material é parte de pesquisa e/ou intervenção.

No caso de pesquisas envolvendo seres humanos, indicar se os procedimentos éticos vigentes foram cumpridos. No caso de análise de intervenções, indicar se todos os procedimentos éticos necessários foram realizados. Informar, ainda, se o texto já foi apresentado em congressos, seminários, simpósios ou similares.

**Autores:** Nome completo e endereço eletrônico do(s) autor(es). Informar maior grau acadêmico, cargo e afiliação institucional de cada autor (instituição, cidade, unidade da federação, país).

**Contato:** Indicar autor responsável pela comunicação com a revista. Nome completo, endereço institucional (instituição, rua, CEP, cidade, unidade da federação, país), endereço eletrônico e telefone para contato.

**Fonte de Financiamento:** O(s) autor(es) deverá(ão) informar se o trabalho recebeu ou não financiamento.

**Agradecimentos:** Se houver, devem vir ao final das referências.

**Contribuição dos autores:** O(s) autor(es) deve(m) definir a contribuição efetiva de cada um no trabalho. Indicar qual a colaboração de cada autor com relação ao material enviado (i.e.: concepção do texto, organização de fontes e/ou análises, redação do texto, revisão etc.).

O(s) autor(es) deverá(ão) dispor em nota de rodapé a afirmação de que a contribuição é original e inédita e que o texto não está sendo avaliado para publicação por outra revista.

## 1. Estrutura do Texto

**Resumo e Abstract:** Devem refletir os aspectos fundamentais dos trabalhos, com no mínimo 150 palavras e, no máximo, 250. Preferencialmente, adotar explicitação da estrutura do trabalho, com colocação de subtítulos (Introdução, Objetivos, Método, Resultados e Conclusão). Devem preceder o texto e estar em português e inglês.

**Palavras-chave:** De três a seis, em língua portuguesa e inglesa, apresentadas após o resumo e após o abstract, respectivamente. As palavras-chave deverão vir separadas por vírgulas. Consulte o DeCS (Descritores em Ciências da Saúde – <http://decs.bvs.br>) e/ou o Sociological Abstracts.

**Tabelas:** Devem estar citadas no texto através de numeração crescente (ex.: tabela 1, tabela 2, tabela 3) e apresentar legenda numerada correspondente à sua citação. As tabelas deverão ser apresentadas em formato editável (indica-se, preferencialmente, o uso do programa Microsoft Word 2007 ou posterior para preparação e envio das tabelas em formato .doc). Tabelas devem estar também devidamente identificadas e em escala de cinza. As tabelas devem estar

inseridas no texto, em formato editável, e não ao final do documento, na forma de anexos. Todo quadro deve ser nomeado como tabela.

**Figuras:** As figuras (diagramas, gráficos, imagens e fotografias) devem ser fornecidas em alta resolução (300 dpi), em JPG ou TIF, coloridas e em preto e branco, e devem estar perfeitamente legíveis. Toda figura deve estar citada no texto através de numeração crescente (ex.: figura 1, figura 2, figura 3) e deve apresentar legenda numerada correspondente. As figuras devem ser encaminhadas em arquivos separados com a respectiva legenda. Todo diagrama, gráfico, imagem e/ou fotografia deve ser nomeado(a) como figura.

### Citações e Referências

**Citações no texto:** Quando o nome do autor estiver incluído na sentença, deve estar grafado com as iniciais maiúsculas e com a indicação da data. Ex: Segundo Silva (2009). Se o nome do autor vir entre parênteses, esse deve estar grafado em letras maiúsculas. Quando houver mais de um autor, os nomes devem estar separados por ponto e vírgula. Ex: (SILVA; SANTOS, 2010). Se os autores estiverem incluídos no corpo do texto/sentença, os nomes deverão vir separados pela letra “e”. Ex: Segundo Amarantes e Gomes (2003); Lima, Andrade e Costa (1999). Quando existirem mais de três autores em citações dentro ou fora dos parênteses, deve-se apresentar o primeiro autor seguido da expressão “et al.”. Toda a bibliografia utilizada e citada no texto deverá, obrigatoriamente, estar na lista de referências, assim como toda a lista de referências deverá estar citada no texto.

As citações diretas (transcrição textual de parte da obra do autor consultado) com menos de três linhas devem ser inseridas no corpo do texto entre aspas duplas; as citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas do texto com recuo de 4 cm da margem esquerda, com o tamanho da fonte um ponto menor que o da fonte utilizada no texto e sem aspas (nesses casos é necessário especificar na citação a(s) página(s) da fonte consultada).

**Referências:** Os autores são responsáveis pela exatidão das referências citadas no texto. As referências deverão seguir as normas da ABNT NBR 6023/2002. Ao final do trabalho, as referências devem ser apresentadas e ordenadas alfabeticamente, conforme os exemplos:

#### Livro:

CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia ocupacional: fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

**Capítulo de livro:**

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 41-59.

**Artigo de periódico:**

LOPES, R. E. Terapia ocupacional em São Paulo: um percurso singular e geral. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 12, n. 2, p. 75-88, 2004.

**Tese:**

MEDEIROS, M. H. R. *A reforma da atenção ao doente mental em Campinas: um espaço para a terapia ocupacional*. 2004. 202 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

**Documentos eletrônicos:**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cidades@*: São Carlos. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 21 jun. 2008.

**Registro de ensaios clínicos**

O periódico *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* apoia as políticas para registro de ensaios clínicos da Organização Mundial da Saúde – OMS e do *International Committee of Medical Journal Editors* – ICMJE, reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e divulgação internacional de informação sobre estudos clínicos em acesso aberto. Sendo assim, quando se tratar de pesquisa clínica, somente serão aceitos para publicação os artigos que tenham recebido um número de identificação em um dos Registros de Ensaios Clínicos validados pelos critérios estabelecidos pela OMS e ICMJE, cujos endereços estão disponíveis no site do ICMJE ([http://www.icmje.org/faq\\_clinical.html](http://www.icmje.org/faq_clinical.html)). O número de identificação deverá ser registrado ao final do resumo.

**Revisão**

Após a fase de apreciação, os textos aprovados serão submetidos à revisão de língua portuguesa (todo o texto) e inglesa (versão do título, das palavras-chave e do resumo), sendo que o(s) autor(es) do artigo deverá(ão) arcar com o custo desse trabalho.

Justifica-se a elaboração de revisão ortográfica para a garantia da habilidade de comunicação escrita dos textos a serem publicados e a sua leitura pelo público nacional e internacional.

#### Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita e não está sendo avaliada para publicação por outra revista;
2. O arquivo da submissão está formatado, apenas, pelo programa Microsoft Word 2007 ou posterior e os trabalhos enviados à revista em formato .doc editável;
3. URLs para as referências foram informadas quando possível;
4. O texto está em espaço 1,5; usa fonte Times New Roman tamanho 12; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos;
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em **Diretrizes para Autores**, na página Sobre a Revista;
6. Todas as referências seguem as instruções e modelos apresentados;
7. Não há identificação no corpo do texto que comprometa a Avaliação Cega por Pares.

#### Declaração e Transferência de Direitos Autorais

No momento da submissão do artigo, os autores devem encaminhar a Declaração de Responsabilidade, Conflito de Interesse e Transferência de Direitos Autorais segundo modelo abaixo, assinada por todos os autores.

#### **Declaração de Responsabilidade, Conflito de Interesse e Transferência de Direitos Autorais**

Título do trabalho:

Certifico que participei da concepção do trabalho para tornar pública minha responsabilidade pelo seu conteúdo, bem como que apresentei as informações pertinentes sobre as fontes de recursos recebidos para o desenvolvimento da pesquisa. Afirmando não haver quaisquer ligações ou acordos entre os autores e fontes de financiamento que caracterizem conflito de interesse real, potencial ou aparente que possa ter afetado os resultados desse trabalho.

Certifico que quando a pesquisa envolveu experimentos com seres humanos houve apreciação e aprovação de Comitê de Ética de instituição pertinente e que a divulgação de imagens foi autorizada, assumindo inteira responsabilidade pela mesma.

Certifico que o texto é original e que o trabalho, em parte ou na íntegra, ou qualquer outro material de minha autoria com conteúdo substancialmente similar não foi enviado a outro periódico, no formato impresso ou eletrônico.

Atesto que, se solicitado, fornecerei ou cooperarei totalmente na obtenção e fornecimento de dados sobre os quais o texto está baseado, para exame dos editores.

Nome completo do(s) autor(es) e assinatura:

### **Termo de Concordância com Licença de Acesso Aberto**

O(s) Autor(es) deverá(ão) enviar o Termo de Concordância com Licença de Acesso Aberto assinado (por todos), conforme o modelo abaixo:

O periódico *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* é publicado conforme o modelo de Acesso Aberto e optante dos termos da licença Creative Commons BY-NC (“atribuição - uso não-comercial”, disponível no site <http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/>).

Nós, Autores do artigo “TÍTULO” abaixo assinados, declaramos que lemos e concordamos com os termos da licença acima.

Nome completo do(s) autor(es) e assinatura:

Nome completo

Data

Assinatura